



## PRIMEIRO LUGAR

### A metamorfose de sua percepção

*A metamorfose (Die Verwandlung)*, Franz Kafka, Companhia das Letras, 1997, traduzido por Modesto Carone, 96 páginas.

“Precisamos de livros que nos afetem como um desastre, que nos angustiem profundamente”. A frase de Franz Kafka não poderia ser melhor para promover sua própria novela, “A Metamorfose”. De fato, a angústia se faz presente no leitor desde o início da obra, quando o narrador declara sem cerimônias a metamorfose de Gregor Samsa em um inseto monstruoso e perdura até os acontecimentos finais. É notório como Kafka, ao escrever, causa ao mesmo tempo fascínio e repulsa com uma linguagem sem circunlóquios, porém subjetiva no que se refere às várias interpretações possíveis para a história.

O livro, dividido em três partes, desenvolve-se a partir do distinto acontecimento que envolve o caixeiro-viajante. A partir de então, a história é narrada de acordo com a perspectiva de Gregor, portanto, o leitor tem acesso apenas ao que o inseto pode perceber. Logo, boa parte da narrativa se passa no quarto, onde sua família o trancou após repulsar o ser transformado, fato que limitou suas oportunidades de contato humano a ouvir conversas por trás da porta. Não bastasse o conteúdo suficientemente negativo da novela, o narrador é completamente insensível à situação do protagonista, descrevendo-o com frieza e aumentando ainda mais o desconforto do leitor.

No que se refere ao autor, “A Metamorfose” pode muito bem refletir aspectos da vida de Franz Kafka. Enquanto o escritor tinha uma relação conturbada com seu pai, que desaprovava a atividade literária do filho, sua personagem é logo rejeitada pela família, sendo trancada pelo pai. Também é notória a presença de várias alegorias na obra, a exemplo de uma à solidão, reflexo de uma infância sem muita presença dos pais; ou de outra o capitalismo, bem percebida com a total preocupação de Gregor com o trabalho mesmo metamorfoseado em um inseto, consequência de uma ideologia socialista.

É difícil falar das inúmeras interpretações de “A Metamorfose”, até porque não se poderia adentrar tão bem em todas elas. Contudo, a transformação de Gregor deve ser vista principalmente como sinônimo de libertação de toda comodidade ou conformismo com a vida. Pode-se dizer que ela é o marco do abandono da infeliz existência do caixeiro-viajante centrada apenas em sustentar sua família, além da iniciativa de seus parentes em saírem da inércia e se tornarem autônomos. Em vista disso, a leitura da obra proporciona a mudança da concepção de vida do próprio leitor, bem como a possibilidade de desenvolver uma visão introspectiva. Junto a uma perspectiva crítica do livro, seu bom aproveitamento é garantido.

**Rodrigo Santos Moulin Simões, 2<sup>o</sup>I2**



## SEGUNDO LUGAR

### Um autor contra o previsível

O livro “Bufo & Spallanzani” (Nova Fronteira, 1985, 336 páginas) é mais uma brilhante obra pós-modernista de Rubem Fonseca que nos introduz, como é comum do autor, a diversos aspectos da vida urbana. A história é contada através da visão onisciente do personagem Gustavo Flávio, um escritor de sucesso que mantinha um relacionamento adúltero com a socialite Delfina Delamare. A amante logo no início aparece morta em seu carro e, a partir desse momento, um policial honesto, para a surpresa do narrador, passa a investigar a tal morte.

Apesar de o livro começar com o crime e então implicar uma investigação, esta não é uma obra policial tradicional. As pistas e o desenvolvimento da investigação são interrompidos por um resgate do “passado negro” de Gustavo Flávio, pelo período que ele passa no refúgio do Pico do Gavião e por reflexões metalinguísticas do narrador. As memórias do protagonista sobre seu passado explicam como o ingênuo Ivan Canabrava acaba mudando seu nome para Gustavo Flávio, uma escolha deliberada em homenagem ao escritor francês Gustave Flaubert, cuja obra “Madame Bovary” muito tem em comum com o livro de Rubem Fonseca.

“Bufo & Spallanzani”, embora seja um livro com muitas críticas, tem como aspecto de maior mérito a questão formal. A inovação de gênero é evidenciada com a presença da linguagem literária, incomum a romances policiais. Essa inovação faz da obra uma leitura simultaneamente de massa e culta.

O personagem-narrador do livro descreve-se logo na primeira frase do livro como um sátiro e glutão, o que já antecipa os traços de sua personalidade que tanto incomoda o leitor. A maneira como o sexo e a mulher são descritos por ele muitas vezes deixa-nos desconfortáveis, já a linguagem usada é ofensiva e fria. O personagem é também arrogante, aspecto acentuado pelas frases em latim e francês expressadas por ele, que decide não traduzi-las. A arrogância de Gustavo Flávio não deve, porém, ser levada a sério, uma vez que é construída de maneira irônica.

O livro é uma leitura indispensável àqueles que já estão acostumados com o estilo inovador de Rubem Fonseca. É também muito recomendável àqueles que estão dispostos a conhecer um importante escritor contemporâneo brasileiro. Há, porém, entraves que podem impedir uma identificação com a leitura. O primeiro seria a linguagem explícita das passagens que tratam do sexo. O segundo seria a forma escolhida para relatar o romance policial, porque o livro não corresponde ao que se espera desse gênero. Se o leitor estiver preparado para uma linguagem fria, para uma reflexão metalinguística e para uma história fascinante, ele deve comprar “Bufo & Spallanzani” imediatamente.

**Catarina Rabelo Corrêa Aarão Mattos, 2ªI2**



## TERCEIRO LUGAR

### Maktub

*Best-sellers* normalmente resumem-se a histórias contagiantes e populares com um público-alvo bem direcionado. Apesar de ser um sucesso de vendas, *O Alquimista* (1988; Paulo Coelho; Editora Planeta; 2008; 192 páginas) possui características muito diferentes. Curiosamente, nota-se que o sucesso mundial deve-se justamente a outros fatores: um enredo fraco, com um foco voltado para o caráter de autoajuda.

A desanimadora história narra a aventura do pastor Santiago, que sonha com um tesouro e decide partir da Espanha para as pirâmides do Egito. Ele vai à busca de sua lenda pessoal (“aquilo que você sempre desejou fazer”, segundo um dos trechos do livro) e, em sua trajetória, passa por vilas, um enorme deserto, um oásis e esbarra em desafios; porém insiste em sua busca e vive experiências fantásticas de amizades, alquimia e amores. Ao final, percebemos que nem sempre o tesouro em si é o mais importante, mas sim os ótimos momentos e a bagagem de vivência por ele proporcionada, portanto, Maktub (“está escrito”), ou seja, “siga seus sonhos e deixe que o destino fará o resto”.

Paulo Coelho, chamado de O Mago, usa de linguagem fácil, porém comete erros de português básicos, como falhas na concordância e a falta de crases. Desse modo, pergunto-me o que fez com que *O Alquimista* fosse o livro brasileiro mais vendido de todos os tempos e o quinto mais vendido no mundo. O caráter de autoajuda que o escritor adota faz com que a história não seja limitada a uma predileção específica, o que amplia o seu alcance; afinal, não há quem não goste de mensagens positivas e de incentivo.

Mesmo não tendo gostado da obra, reconheço que a forma como Paulo Coelho envolve o leitor na história é excepcional. O escritor explora o fato de o nome do protagonista ser citado apenas duas vezes (no início e no final) para fazer com que o leitor se sinta incluído na história, fazendo da vida de Santiago a vida de quem lê.

A leitura de *O Alquimista* foi razoável e, por isso, não vejo qualidade para tantos méritos. Ainda assim, recomendo a leitura, visto que ler nunca é dispensável, além disso, vale pela aquisição de senso crítico sobre uma das mais vendidas obras literárias.

**Felipe de Castro Simonetti, 2<sup>o</sup>A**